

**Antropofagia Oswaldiana: Fatura e Fratura na Crítica
Literária Brasileira Contemporânea**

**Oswaldian Anthropophagy: Making and Fracture in Contemporary
Brazilian Literary Criticism**

Wallisson Rodrigo Leites*

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel - PR, 85819-110,
e-mail: wallissonrodrigo@hotmail.com

Resumo: O pensamento antropofágico oswaldiano é fruto de um processo de escrita crítica e artística responsável por reelaborar o modo de ver e pensar a cultura brasileira. Esse processo se desenvolveu a partir da reelaboração e da revisão autofágica que Oswald fez dos próprios escritos, ainda assim, apesar de manter uma escrita ativa até os últimos anos de sua vida, a formulação sobre uma teoria antropofágica nunca foi publicada pelo autor. Foi a crítica posterior que, se valendo da escritura do autor, promoveu as formulações teóricas que viriam a retratar não somente a produção artística brasileira, mas todo um sistema cultural baseado na mobilidade e na transformação, ou melhor, na antropofagia cultural. Neste ensaio, nos propomos refletir sobre a prática intelectual crítica produzida no Brasil, motivada pelo pensamento antropofágico oswaldiano, cujo potencial dialógico e dialético tem sido recorrente na crítica literária e cultural em perspectiva decolonial. **Palavras-chave:** Oswald de Andrade; Antropofagia; Consciência Política; Crítica literária contemporânea. Brasil.

Abstract: Oswald's anthropophagic thought is the result of a critical and artistic writing process responsible for re-elaborating the way of seeing and thinking about culture in Brazilian. The process developed from the re-elaboration and autophagic revision that Oswald made of his own writings despite maintaining an active writing until the last years of his life, the formulation of an anthropophagic theory was never published by the author. It was the later criticism that, using the author's writing, promoted the theoretical formulations that would come to portray not only Brazilian artistic production, but an entire cultural system based on mobility and transformation, or rather, on cultural anthropophagy. In this essay, we propose to reflect on the critical intellectual practice produced in Brazil, motivated by Oswald's anthropophagic thought, whose dialogical and dialectical potential has been recurrent in literary and cultural criticism from a decolonial perspective.

Keywords: Oswald de Andrade; Anthropophagy; Political Consciousness; Contemporary literary criticism. Brazil.

PONDERAÇÕES INICIAIS

A proposição de um pensamento calcado na Antropofagia, por Oswald de Andrade representa o “marco zero” na reelaboração do modo de ver e pensar a cultura brasileira. Tal processo não se desenvolveu linearmente, deu-se a partir da reelaboração

e da revisão autofágica que o próprio Oswald fez de seus escritos, afastado pelo menos duas décadas da Semana de Arte Moderna, tal como atestam os textos reunidos no livro *Ponta de Lança* (2004), organizado pelo próprio Oswald em 1945, e textos compilados no livro *Estética e Política*¹ (1992), organizado por Maria Eugênia Boaventura.

É interessante observar que apesar de continuar escrevendo até os últimos anos de sua vida, retomando sempre a ideia de antropofagia, a formulação de uma teoria antropofágica nunca foi publicada pelo autor. Foi a crítica posterior que, se valendo da escritura do autor, promoveu as formulações teóricas que viriam a retratar não somente a produção artística brasileira, mas todo um sistema cultural baseado na mobilidade e na transformação, ou melhor, na antropofagia cultural.

Além disso, faz-se necessário ressaltar que a produção oswaldiana e todo o pensamento da fase heroica do Modernismo – incluindo aqui, a título de exemplo, as contribuições de artistas como Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Pagu – foram norteadores de manifestações artísticas posteriores que deram visibilidade mundial à produção cultural brasileira.

Por conta disso, nos propomos neste ensaio, refletir sobre a potencialidade do conceito de antropofagia cultural para a crítica literária contemporânea brasileira, a exemplo de derivações do conceito, tais como práticas textuais híbridas, transferências culturais, autofagia, contaminação, devoração crítica, entre-lugar e outras formulações propostas por autores como Antonio Candido, Haroldo de Campos, Silviano Santiago, Zilá Bernd, Leyla Perrone-Moisés, só para citar alguns pensadores da crítica literária brasileira que retomam as questões propostas por Oswald e releem ou reelaboram o conceito de antropofagia.

O PENSAMENTO OSWALDIANO REDIMENSIONADO

¹ Comunicação intitulada “A Reabilitação do Primitivo”, escrita para o Encontro dos Intelectuais, realizado no Rio de Janeiro em 1954, e enviada a Di Cavalcanti para ser lida. (IEL, Unicamp). “A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. [...] Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço, pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita”. (ANDRADE, 1992, p. 231-232)

Antonio Candido, em seu livro *Brigada e ligeira*²(2012), revendo artigos de 1943, publica seu primeiro capítulo destinado à crítica sobre a obra de Oswald de Andrade. No capítulo, intitulado “Estouro e libertação”, Candido faz breves considerações sobre o romance oswaldiano dividindo-o em três etapas: a primeira corresponde à *Trilogia do exílio*, a segunda se refere ao par *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim ponte grande* e a terceira diz respeito a *Marco Zero*. Entretanto, vale destacar desse capítulo o modo como Candido enxerga Oswald no panorama literário brasileiro: como um autor problemático e de difícil análise segundo os olhares da época. Talvez por isso, num primeiro momento, o crítico não tenha dado a devida dimensão que a escritura oswaldiana merecia. No texto intitulado “Antes do Marco Zero”, do livro *Ponta de Lança* (2004), Oswald faz uma réplica à crítica aferida por Candido, demonstrando que este era avesso ao novo e por isso teria feito um julgamento aligeirado de tom passadista de sua obra.

Somente cerca de dez anos após essa primeira publicação, talvez por motivo da morte do autor dos *Manifestos*, talvez pela própria inquietação em relação à obra oswaldiana – como Candido mesmo confessou em “Estouro e libertação”, ao dizer que poucas obras teriam lhe causado tanta preocupação (CANDIDO, 1977) – em 1954, para uma sessão de homenagem à memória de Oswald, Antonio Candido escreveu “Oswald Viajante”, que seria publicado 1956 no jornal *O Estado de São Paulo* e em 1959, no livro de sua autoria *O observador literário* (2008).

Nas poucas páginas que compreendem a homenagem, Candido revela um aspecto importante da vida de Oswald, que teria aparecido indiretamente nas obras literárias deste e que talvez possa ser aqui tomado como uma reformulação do conceito de antropofagia.

Segundo Candido, esse aspecto se refere ao fato de o autor modernista ter sido, desde muito jovem, um viajante e conhecedor do mundo, o que lhe teria proporcionado, no contato com o outro, seja viajando pela Brasil ou para o exterior, oportunidade para captar melhor os aspectos próprios do espírito de brasilidade e que levariam ao desenvolvimento antropofágico. Em um trecho do texto referido anteriormente, tendo como base a leitura de *Serafim Ponte Grande*, Candido menciona que:

² *Brigada Ligeira* foi publicado em meados de 1945 na coleção *Mosaico* da Livraria Martins Editora, foi o primeiro livro de Antonio Candido e reúne artigos da sua coluna semanal “Notas de crítica literária”, na *Folha da Manhã*, atual *Folha de S. Paulo*, jornal de que foi “crítico titular”, como se denominava, de janeiro de 1943 a janeiro de 1945, tendo começado esta atividade em 1941 na Revista *Clima*.

Libertação é o tema do seu livro de viagem por excelência, *Serafim Ponte Grande*, onde a crosta da formação burguesa e conformista é varrida pela utopia da viagem permanente e redentora, pela busca da plenitude através da mobilidade. A prosa fluida e cintilante deste livro, a sua estrutura instável, o movimento incessante dos personagens que entram e saem, das terras que surgem e passam, mostram bem claramente a estética transitiva do viajante, que elabora a visão das coisas pela composição divinatória dos fragmentos rapidamente apreendidos (CANDIDO, 1977, p. 55).

Essa eterna busca pelo deslocamento e pela desestabilização proporciona à escritura oswaldiana o caráter de uma epopeia sem fim. Enquanto no épico o herói busca seu reconhecimento a partir do retorno à sua origem, partindo de um ponto “a”, passando por um ponto “b” e retornando ao ponto “a”, nas obras de Oswald, o que se faz presente é o constante movimento. Tal aspecto pode ser facilmente observado no texto dramaturgico, publicado em 1934, *O homem e cavalo* (2005), tanto por meio da configuração espacial, quando as personagens se deslocam freneticamente por espaços caóticos, quanto a partir da composição das personagens, que se transmutam no decorrer da fábula. A viagem entra na fábula como imagem alegórica. Do mesmo modo, a imagem poética da viagem também é observada no texto dramaturgico publicado em 1937, *A morta* (2005), pois as personagens, na busca pela resolução de seus conflitos, vão de um país a outro, e há ao final da peça uma fala emblemática da personagem Hierofante: “O erro do homem é pensar que é o fim do barbante... O barbante não tem fim” (ANDRADE, 2005, p. 236). O tema da viagem é recorrente na obra oswaldiana e característico da figura do autor, “Oswald viajante”.

Nesse sentido de deslocamento, Candido, de forma sintética, associa o que seria o princípio antropofágico ao mencionar que “Oswald consegue na verdade encarnar o mito da liberdade integral pelo movimento incessante, a rejeição de qualquer permanência”. (CANDIDO, 1977, p. 56)

Em 1970, Candido escreve o ensaio “Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade”, que, em conjunto com os textos anteriores citados, é publicado na obra *Vários Escritos* (1977). Neste texto, o autor busca redimir-se das críticas realizadas principalmente em seu primeiro escrito sobre Oswald, justificando-se sobre certa maturidade ao ler os romances oswaldianos no início dos anos 40. Ao se redimir, o crítico também resgata a ideia de antropofagia a partir da mobilidade criativa, já mencionada anteriormente, e tenta definir Oswald da seguinte forma: “Tomemos, como tentativa, apenas dois traços com generalidade bastante para definir aspectos comuns à sua

personalidade humana e literária: *devoração e mobilidade*” (CANDIDO, 1977, p. 75) e, na sequência, define devoração “não apenas como um pressuposto simbólico da Antropofagia, mas o seu modo pessoal de ser, a sua capacidade surpreendente de absorver o mundo, triturá-lo para recompô-lo” (CANDIDO, 1977, p. 75).

Candido desfaz aqui a ideia de antropofagia como simples destruição, ideia que pode ser facilmente depreendida de uma leitura “mal posta” dos manifestos, por esses apresentarem um caráter destrutivo. O que é importante observar é que toda desconstrução é, ao mesmo tempo, a transformação em algo novo e, conseqüentemente, construção. Daí a antropofagia oswaldiana “não ser destruidora, em seu sentido definitivo, pois talvez fosse antes uma estratégia para construir, não apenas a sua visão, mas um outro mundo, o das utopias que sonhou com base no matriarcado” (CANDIDO, 1977, p. 77) e, talvez por isso, as obras oswaldianas tenham assumido, em maior ou menor grau, um aspecto político marcante.

Ainda que, a partir das palavras de Candido, tenha-se tentado definir o conceito de antropofagia de forma sintética, o que melhor caracterizou a antropofagia é justamente a tentativa, visto que mesmo Oswald não chegou a uma análise definitiva sobre o conceito. A esse respeito, Candido observa que:

É difícil dizer no que consiste exatamente a Antropofagia, que Oswald nunca formulou, embora tenha deixado elementos suficientes para vermos embaixo dos aforismos alguns princípios virtuais, que a integram numa linha constante da literatura brasileira desde a Colônia: a descrição do choque de culturas, sistematizada pela primeira vez nos poemas de Basílio da Gama e Santa Rita Durão (CANDIDO, 1977, p. 84-85).

Como bem observado, ainda que o conceito não tenha uma definição elaborada de forma definitiva por Oswald, pelo menos em seus textos publicados – já que, como visto a partir dos documentos extraídos em visita para estudos, no acervo do autor no CEDAE/IEL, da UNICAMP³, em uma brochura manuscrita, verificamos que Oswald ensaiava uma futura publicação de um tratado de antropofagia –, há que resgatar de suas obras o seu caráter de destruição devoradora, mobilidade, confronto cultural e reconstrução, fatores esses que, à época, promoveram um profundo choque social e na

³ Centro de documentação cultural Alexandre Eulálio (CEDAE) da UNICAMP.- Fundo Oswald de Andrade.

recepção da obra oswaldiana. No final de “Digressão Sentimental”, a esse respeito, Candido diz que esse choque promove a

[...] quebra do equilíbrio machadeano e o advento de certas formas do excesso, como o grotesco, o erótico, o obsceno, que antes só apareciam de maneira recalcada em nossa literatura, useira noutros excessos: o sentimental, o patético, o grandiloquente. Talvez tenha sido a diretriz primitivista que acentuou em Mario e Oswald o gosto rabelaiseano pelo palavirão e a obscenidade libertadora, que na obra de ambos tem um máximo de concentração em 1928-29, justamente em *Macunaíma* e *Serafim Ponte Grande*, em seguimento à busca dos traços populares e indígenas, de 1925 a 1927, em *Pau Brasil* e *Clã do Jaboti*, tudo girando à volta de um eixo virtual, o ‘Manifesto antropófago’, de 1928 (CANDIDO, 1977, p. 86).

Alguns desses aspectos observados por Candido a respeito da obra de Oswald também foram foco de discussão anterior. Entretanto, uma parte importante da obra oswaldiana após esse período ficou esquecida pelo crítico, a exemplo das peças de teatro. Ainda assim, não se pode negar a contribuição de Antonio Candido, primeiramente, por ser precursor ao escrever sobre Oswald, segundo por conseguir dimensionar o conceito de antropofagia.

Outro autor que merece destaque ao reler a obra de Oswald de Andrade é Haroldo de Campos, com as publicações de *A reoperação do texto* (2013)– livro que além de analisar a ruptura promovida pelo movimento modernista brasileiro, aborda todo o contexto latino-americano de reelaboração textual a partir dos movimentos de confronto com a tradição literária –, e *Metalinguagem e outras metas* (2006)– no qual o autor reúne trabalhos voltados à crítica literária como metalinguagem, e destina um capítulo para refletir sobre a questão da antropofagia na cultura brasileira.

No que se refere à primeira publicação de Haroldo de Campos aqui mencionada, vale destacar sua importância ao trabalhar com o conceito de “devoração crítica” como releitura do conceito de antropofagia, ressaltando o processo de transformação da cultura europeia para a elaboração de um novo produto, com uma nova universalidade, que poderia ser exportada para o mundo (CAMPOS, 2013).

Assim como Candido, porém de forma breve, Haroldo de Campos se restringe a elaborar um comentário acerca da prosa oswaldiana, principalmente, em *Miramar* e *Serafim ponte grande*. Entretanto, é necessário observar que o autor encara tais obras sob uma perspectiva renovadora ao mencionar que essas, devido ao caráter farsesco,

parodístico e pautado na desconexão cênica, não se enquadrariam no conceito tradicional do romance pronto e acabado do realismo oitocentista (CAMPOS, 2013).

Já em *Metalinguagem e outras metas*, Haroldo de Campos aprofunda a discussão acerca da antropofagia, dedicando-se ao conceito no ensaio intitulado “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. Uma das questões abordadas pelo autor que dialoga diretamente com o desenvolvimento da antropofagia é a relação entre o universal e a cor local no contexto latino-americano, por ser este um “território subdesenvolvido”. Neste sentido, é importante lembrar que Barthes esclarece que essa noção de universal é falaciosa, pois ela é construída “por uma enorme quantidade de tiques e de recusas, não passa de mais um particular; é um universal de proprietários” (BARTHES, 2007, p. 28), igualmente, a definição de “território subdesenvolvido” é duplamente falaciosa, a considerar o que é território? Para quem? De quem? Quem o habita? e, por extensão, o que significa o adjetivo “subdesenvolvido”? Em qual contexto? Estas expressões têm traído a crítica, por mais bem intencionada que seja e tem servido para manter estereótipias.

É de conhecimento comum dentro do campo dos estudos literários que a universalidade de um texto proporciona a ele certo *status* de manifestação artística e também que o contexto social da obra interfere em sua composição. Historicamente, o processo de colonização da América Latina se desenvolveu de forma vertical, de cima para baixo e, por esse motivo, os valores culturais trazidos nas caravelas converteram-se aqui também em verdades universais. Desta forma, seria muito fácil observar toda a produção artística latino-americana como releitura da produção europeia, ou como desvios da norma com menor valor artístico. Entretanto, é justamente esse contexto o responsável por proporcionar a essa produção marginal transcender o caráter local e tornar-se universal, abalando o próprio conceito. A esse respeito, Haroldo de Campos observa que:

No Brasil, com a ‘Antropofagia’ de Oswald de Andrade, nos anos 20 (retomada depois, em termos de cosmovisão filosófica-existencial, nos anos 50, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*), tivemos um sentido agudo dessa necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialético com o universal. A ‘Antropofagia’ oswaldiana [...] é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do ‘bom selvagem’ [...], mas segundo o ponto de vista desabusado do ‘mau selvagem’, devorador de brancos, antropófago. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma ‘transvaloração’: uma visão crítica da história como função

negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desconstrução (CAMPOS, 2006, p. 234-235).

Aqui reaparece o conceito de devoração crítica, novamente como absorção e reformulação das práticas culturais europeias. E, a partir disso, Haroldo de Campos traz um novo termo que se liga ao conceito de antropofagia: a “transvalorização”, que pode ser tomada como o imbricamento ou encontro confrontador de culturas, de modo que essas, num jogo de revelar e esconder, a partir das diferenças, possibilitam a formulação de novos paradigmas culturais ou de uma nova “universalidade”.

Este processo não se desenvolve de forma harmoniosa e amistosa. Como bem observado por Campos, trata-se da devoração do outro, assim como o faziam algumas tribos autóctones ao vencer seu inimigo. Deve-se matar o outro, degluti-lo, absorver suas propriedades nutritivas, para assim tornar-se um algo novo e mais forte, daí o surgimento do “mau selvagem”, o que nos remete à leitura alegórica proposta por Silviano Santiago, “[...] Nada mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito do carneiro assimilado. [Paul Valery traduzido por Silviano Santiago]”. (SANTIAGO, 2000, p. 19).

Nos estudos contemporâneos, ressalta-se o crítico Silviano Santiago quando este reflete sobre o lugar que a noção de antropofagia ocupa na compreensão da cultura latino-americana. Em *Uma literatura nos trópicos*, mais especificamente no ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, o autor faz uma breve análise do processo de colonização americana e aponta a única saída possível para se chegar à descolonização: a mestiçagem.

Segundo o autor, com o processo de colonização, a partir do encontro das distintas culturas, surge uma nova categoria de sujeito que tem sua origem marcada pela pluralidade e dá origem a uma nova sociedade: a dos mestiços,

[...] cuja principal característica é o fato de que a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, uma abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização (SANTIAGO, 2000, p. 15).

Como Santiago bem observa em seu texto, essa prática é oriunda do processo de colonização baseado na dominação cultural, principalmente, na imposição linguística,

pois é através da língua que os demais elementos da cultura estrangeira ganham vida na colônia. Por esse motivo, a partir da leitura dos *Manifestos*, é a linguagem o principal meio para fazer aparecer essa mestiçagem. No *Manifesto Antropófago* (1928), ao confrontar-se com os códigos culturais que representam tudo aquilo que é estrangeiro, Oswald busca preencher os escombros dessa cultura com aspectos estritamente nativos da fauna e da flora, como o vocábulo “Pindorama”⁴, e das crenças religiosas, como “Jaci” e “Guaraci”⁵.

Contudo, esse resgate por meio da linguagem não ocorre na simples valorização dos vocábulos autóctones ou africanos, mas sim a partir da carnavalização e da paródia: “Tupi, or not tupi that is the question”. Assim, os costumes e as crenças tidas como puras são apresentadas a partir do exagero e do caricato, de modo a mostrar as contradições oriundas dessa dita pureza, como ilustrado no *Manifesto Antropófago*:

Nunca fomos catequizados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. Mas nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós. Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia. O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores (ANDRADE, 1976, p. 82).

Outro aspecto importante desse processo de descolonização a que Santiago se refere e que é também preocupação dos movimentos de vanguarda, como o Modernismo brasileiro, é a negação das fontes e das influências. Negar, no entanto, não significa promover o apagamento dessas fontes, mas reposicioná-las criticamente no panorama artístico mundial, assim como Oswald faz de forma clara em *O homem e o cavalo* (1934), ao construir personagens canônicos deslocados de seu papel de origem e de uma configuração mítica que atravessa a história. A respeito da questão das fontes e influências, Santiago menciona que:

A *fonte* torna-se a estrela inatingível e pura que, sem se deixar contaminar, contamina, brilha para os artistas dos países da América Latina, quando esses dependem de sua luz para seu trabalho de

⁴ Do Tupi: terra das palmeiras; fazendo referência ao território brasileiro.

⁵ Guaraci e Jaci: respectivamente equivalentes ao sol e à lua, representam na cultura Tupi as principais entidades divinas regedoras do mundo.

expressão. Ela ilumina os movimentos das mãos, mas ao mesmo tempo torna os artistas súditos de seu magnetismo superior. O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta. Encontrar a escada e contrair a dívida que pode minimizar a distância insuportável entre ele, mortal, e a imortal estrela: tal seria o papel do artista latino-americano, sua função na sociedade ocidental (SANTIAGO, 2000, p. 18).

Nesse sentido, estaria o artista latino-americano sempre em um patamar inferior em relação às fontes europeias e, durante muito tempo, ainda que a cor local tenha dado novos aspectos a essa tradição, esse artista foi visto como um devedor. Para que essa visão seja desfeita, o artista deve converter-se no contaminador de suas fontes. Tem-se que considerar que os discursos anteriores sempre exercerão influências sobre os posteriores, mas cabe ao artista escolher de forma crítica se essa influência será pacífica ou confrontadora, de qualquer forma, o discurso anterior sempre se fará presente, mesmo que seja na negação deste, pois negar algo é ao mesmo tempo reafirmá-lo, tanto a negação não existe sem a afirmação como a afirmação não existe sem a negação. Assim, ao mesmo tempo em que o artista, bem como a cultura latino-americana, está preso às suas origens, tem a possibilidade de negá-las.

Deve-se considerar então que, a partir da mestiçagem, ambos os elementos, o autóctone e o europeu, ainda que estejam presentes nessa cultura mestiça, criam um “entre-lugar” que não pertence e não deve nem a um nem a outro. Nesse sentido, segundo Santiago:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Nesse jogo das diferenças, Santiago sintetiza o espírito da antropofagia oswaldiana, criando o lugar cultural que não é o do europeu e nem o do autóctone, mas sim do mestiço que, por ter aspectos de ambas as culturas, ainda que se reconheça em maior ou menor grau nelas, não consegue defini-las como identidade. Na mesma perspectiva do “entre-lugar”, a pesquisadora Zilá Bernd busca, a partir do conceito de “hibridismo”, no livro *Escritas híbridas: estudos de Literatura Comparada interamericana* (1998), pensar um “terceiro espaço” para o discurso latino-americano. Segundo a autora o “híbrido resulta da justaposição e da interação de diferentes modos culturais, sem a pretensão de construir um patrimônio estável” (BERND, 1998, p. 264), aproximando-se

do conceito de antropofagia na perspectiva de Antonio Candido, quando este ressalta o caráter de constante mobilidade cultural. Deste modo, também para Bernd, a antropofagia não busca a simples inversão de tudo para que o colonizado passe a ser o colonizador, mas para que as culturas possam coexistir sem critério de superioridade. A antropofagia ou o “hibridismo” destroem o caráter de unidade e se convertem em processos que estão presentes em todas as sociedades e em todos os momentos da história em que um ou mais povos sofreram um choque cultural.

Vale aqui lembrar o próprio processo histórico de formulação da matriz cultural judaico-cristã-ocidental, pois a história da sociedade é uma história de conflitos e sobreposições culturais. Os gregos, por exemplo, adotando aqui uma ilustração histórica de forma simplista, na era helenística, consideravam as demais nações como bárbaras, ou seja, não civilizadas. Após serem dominados pelo Império Romano, viram sua supremacia ser destruída, mas muitos aspectos de sua cultura foram assimilados pelos romanos e espalhados pelo território europeu, passando pela Península Ibérica, e chegando às Américas.

Ao contrário do que possa parecer, esse percurso sofreu diversas contaminações culturais. A própria Língua Portuguesa, fruto do Latim, constitui-se de forma híbrida, primeiro pela diversidade cultural e extensão geográfica do Império Romano, segundo pela influência de outros povos, tidos como bárbaros pelos romanos, como os mouros. Entretanto, a partir do momento em que determinada cultura passa a considerar-se como consolidada, ela perde o seu caráter híbrido, pois esse caráter desmantela qualquer binarismo, como colonizador e colonizado. Ver a cultura latino-americana como híbrida, nesse terceiro espaço discursivo é admitir que não se busca por meio das práticas culturais uma sobreposição hierárquica de valores, mas a aceitação de diferenças e a destruição das fronteiras.

Nesse ínterim, é papel do artista e do intelectual, a partir do uso consciente da linguagem enquanto forma de poder, promove novas elaborações epistêmicas e deslocamentos conceituais. Ao falar sobre Mário de Andrade, em *1930: a crítica e o Modernismo*, João Luiz Lafetá usa justamente essa a perspectiva para ilustrar o pensamento artístico elaborado a partir da Semana de 1922. Segundo o autor:

Consciência’ é aqui a palavra-chave: consciência da obra de arte como fato estético; consciência do poema como resultante das projeções de experiências individuais, às vezes obscuras e enraizadas no eu-profundo; consciência da necessidade de participação do intelectual na

vida de seu tempo, consciência da função social da arte (LAFETÁ, 2000, p. 154).

Nesse sentido, não seria possível caracterizar o pensamento antropofágico de forma semelhante? É sabido que Oswald e Mário constantemente trocavam “figurinhas”. É, no mínimo, questionável nos textos de ambos, principalmente naqueles pertencentes à fase heroica, não duvidar da noção de autoria individual. Não que os textos tenham sido escritos a duas mãos ou coletivamente, mas os atravessamentos estéticos e ideológicos entre um e outro encontrados na obra dos dois é indiscutível. Portanto, tendo em vista o papel social do escritor na perspectiva de Lafetá, também no que se refere à escritura oswaldiana, é importante estar atento à linguagem, ao signo e aos sentidos aos quais ela remete, e à promoção de deslocamentos que resultam em um linguagem e, por conseguinte, em um saber “híbrido” e “mestiço”.

Ainda que os conceitos de “mestiçagem” e “hibridismo” possam se aproximar, estes apresentam uma diferença significativa: enquanto um tende à estabilização, o outro busca a desestabilização. E, ainda que o processo de mestiçagem, apontado por Santiago como a saída para se chegar à descolonização, seja a desestabilização de suas matrizes formadoras, ele pressupõe um resultado final, o mestiço, enquanto a hibridação se centra no processo. Segundo Bernd, em *Americanidade e transferências culturais*, “a mestiçagem se caracteriza pela homogeneidade [...] e pela previsibilidade” (BERND, 2003, p. 41) e, por isso, a autora propõe, como modo de pensar a identidade latino-americana, além da “hibridação”, o processo de “transculturação”, que na sua concepção partiria de qualquer modificação de um modelo original.

A autora destaca que o conceito de “transculturação” carrega em si a ideia de transitoriedade, de passagem, e vê o intelectual como um atravessador, pois “trans” significa atravessar, passar de uma fronteira a outra. Entretanto, não se deve pensar esse “atravessar” como um simples caminho que leve de um lado a outro, de um ponto “a” para um ponto “b”. Essa travessia é constante e não pautada no abandono de um território anterior para a assimilação do posterior, mas na assimilação simultânea de ambos, por isso é cabível observá-la a partir das “transferências culturais”.

Em *Antropofagia hoje?* (2011)⁶, João Cezar de Castro Rocha busca uma explicação para antropofagia que se aproxima desse caráter de transitoriedade que o

⁶ Livro organizado por Jorge Ruffinelli e João Cezar de Castro Rocha (UERJ) que reúne 44 ensaístas e 13 escritores, incluindo pesquisadores de outros países, com o objetivo de explorar o potencial analítico e filosófico da antropofagia oswaldiana, bem como seus reflexos na contemporaneidade.

conceito assume. O autor faz referência, assim como Antonio Candido, às viagens realizadas por Oswald de Andrade, principalmente a Paris, onde Oswald é capaz de compreender, por meio de exercício comparativo, as culturas brasileira e estrangeira, numa síntese entre o internacional e o nacional, o moderno e o provinciano, e refletir sobre o caráter de nacionalidade e, conseqüentemente, sobre a noção de alteridade contida no conceito de antropofagia. Para João Cezar, a antropofagia oswaldiana é o ato de reconhecer-se a si a partir do outro e a capacidade de apreender experiências diversas simultaneamente sem estabelecer hierarquias ou exclusões, o que, segundo o autor, é uma prática fundamental para o mundo contemporâneo em que as relações de poder são cada vez mais evidentes. Mais uma vez, o pensamento oswaldiano é atestado em toda sua modernidade, diríamos, revisitado em sua atualidade.

Essa questão da transitoriedade, atravessamento de fronteiras e transferências culturais simultâneas é evidente na escritura oswaldiana, tanto ao transpor fronteiras culturais e mesclar elementos europeus, autóctones e africanos em sua escritura, quanto no próprio fazer artístico, na ficcionalização, pois, por meio da metalinguagem, o autor atravessa as fronteiras da realidade e da ficção e possibilita novas visões para o texto literário, a exemplo do “romance invenção”⁷, *Serafim Ponte Grande* (2001), publicado em 1933.

NO CONTINUUM DA CRÍTICA

Percorrendo-se os estudos da crítica contemporânea que retomam ou partem do conceito de antropofagia para suas elaborações sobre a literatura e a cultura no contexto latino-americano, cita-se Leyla Perrone-Moisés. Em *Flores da escrivantina* (1990), capítulo intitulado “Literatura comparada, intertextualidade e antropofagia”. Neste capítulo a autora, ao abordar as propostas teóricas do século XX, observa a contribuição da antropofagia como meio de se pensar a literatura na América Latina, de modo a perceber esses processos culturais que fazem com que a escritura latino-americana se constitua a partir do signo da transformação e da desestabilização.

⁷ “O romance-invenção *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, ‘escrito de 1929 para trás’ (ou ‘terminado em 1928’, como se lê no prefácio) e publicado em 1933, é uma dessas obras que põem em xeque a ideia tradicional de gênero e obra literária, para nos propor um novo conceito de livro e de leitura”. (CAMPOS, 2001, p.05)

A autora propõe como novo olhar para essa produção literária o conceito de “antropofagia cultural”, que segundo ela se aproxima das teorias da intertextualidade e da tradição, sendo ela “antes de tudo, o desejo do Outro, a abertura e a receptividade para o alheio, desembocando na devoração e na absorção da alteridade” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 95).

Como se pode perceber, o conceito de “antropofagia cultural” trazido pela autora se aproxima da visão dos demais autores e dos conceitos como “transculturação”, “hibridismo”, “transferências culturais” e outros. Leyla Perrone-Moisés ainda destaca o caráter crítico da antropofagia, ao observar que a devoração e a assimilação se baseiam na nutrição a partir da seleção daquilo que será proveitoso. Segundo a autora, assim como ocorria com as tribos antropófagas,

Os candidatos à devoração, antes de serem ingeridos, tinham de dar provas de determinadas qualidades, já que os índios acreditam adquirir as qualidades devoradas. Há, então, na devoração antropofágica, uma seleção como nos processos de intertextualidade. Ao mesmo tempo que o *Manifesto antropófago* diz: ‘Só me interessa o que não é meu’, diz também: ‘contra os importadores de consciência enlatada’ (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 96).

Nesse sentido, a partir da utilização do vocábulo “contra”, a autora percebe o processo de seleção daquilo que será devorado. Assim, o escritor latino-americano deve servir como filtro para aquilo que será absorvido ou será ignorado. Entretanto, até que ponto se poderia dizer que esse processo de filtragem é consciente? Se pensado sob o ponto de vista da “transculturação” e do “hibridismo”, a assimilação cultural em larga escala ocorreria de modo natural, e qualquer aspecto da cultura do outro poderia ser aproveitado, pois pressupor que há algo que deve ou não ser assimilado, seria cair no binarismo do bom e do mau. Seria o mesmo que valorar aspectos de uma cultura de forma hierarquizada e, assim, a proposta antropofágica, ao buscar romper com os binarismos, se tornaria contraditória.

Portanto, ser contra, ou ser seletivo, não deve significar a escolha de determinado aspecto cultural em detrimento de outros. Ser contra significa ser crítico sobre aquilo que se escolhe, e daí o fundamental papel do escritor latino-americano ao enxergar de modo crítico a realidade e assim recriá-la para seu público, trata-se “de uma atitude ao mesmo tempo de receptividade e de escolha crítica” (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 98), uma

escolha do que se fazer com o que se tem em mãos, ressaltando a importância da consciência política do escritor sobre a realidade.

Somando-se à reflexão de Perrone-Moisés, finalizamos este ensaio com o parecer de Maria Augusta Fonseca em introdução à biografia de Oswald de Andrade.

Sua genialidade criadora teve a contrapartida do trabalho desigual. Qualquer que seja o caso, sua produção artística amargou o esquecimento, em especial depois dos anos 1930. Desde então, e até sua morte em 1954, raros viram sua obra com objetividade, e foram poucos os que detectaram seu talento literário e anunciaram seu produto maior. **Oswald não chegou a conhecer sua consagração como grande escritor. Sofreu as conseqüências do atraso em seu tempo e de seu próprio modo de ser. [...]. Fez crítica e autocrítica. [...]. Oswald arreganhou os dentes de antropófago à mentalidade colonizada que atrofiou e ainda atrofia o país.** (FONSECA, 2007, p. 23, grifos do autor)

A reflexão de Fonseca (2007) seria lida com um sorriso vitorioso de Oswald em resposta à crítica de Antonio Candido sentenciada à obra de Oswald, em sua coluna semanal “Notas de crítica literária” nos idos de 1943. Fonseca diz bem, Oswald “Fez crítica e autocrítica. [...]. Oswald arreganhou os dentes de antropófago à mentalidade colonizada que atrofiou e ainda atrofia o país”, tal como destacamos na citação acima.

Fato é que da escrita pós 1930 oswaldiana emerge o pensamento crítico reflexivo sobre o movimento modernista brasileiro que reverbera na crítica literária e cultural contemporânea. A prática de uma escritura oswaldiana produz uma reescritura não só da história do modernismo no Brasil, mas, sobretudo, de questões afetas à escritura literária e às ideias de gênero, tradição, modernidade, escritor/intelectual e leitor na América Latina.

É justamente esse caráter crítico e consciente de seu papel de artista de seu tempo que faz Oswald ocupar um lugar de destaque no desenvolvimento do modo de se compreender a cultura latino-americana na atualidade, sendo, pois, relido constantemente pela crítica contemporânea, de modo que sua obra não ficou relegada aos limites do modernismo brasileiro, constituindo-se em importante vetor para estudos sobre literatura, cultura e crítica literária no atual contexto brasileiro e latino-americano.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas 7*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- ANDRADE, Oswald de. *O rei da vela*. São Paulo: Globo, 2003.
- ANDRADE, Oswald de. *Panorama do fascismo; O homem e o cavalo; A morta*. São Paulo: Globo, 2005.
- ANDRADE, Oswald de. *Serafim ponte grande*. São Paulo: Globo, 2001.
- ANDRADE, Oswald de. *Ponta de lança*. São Paulo: Globo, 2004.
- ANDRADE, Oswald de. A Reabilitação do Primitivo. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia. *Estética e Política*. São Paulo: Globo, 1992, p. 231-232.
- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Madalena da Cruz Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2007.
- ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: ROCHA, João César de Castro; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena*. São Paulo: É realizações, 2011. p. 27-31.
- BERND, Zilá (org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.
- BERND, Zilá. *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CAMPOS, Haroldo de. *Reoperação do texto: obra revista e ampliada*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CAMPOS, Haroldo de. Serafim: um grande não-livro. In: ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 2001.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 4ª ed., 2012.
- CANDIDO, Antonio. *O Observador literário*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 4ª ed., 2008.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: Biografia*. São Paulo: Globo, 2007.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 34 ed., 2000.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Data de recebimento: 20/11/2021
 Data de aprovação: 06/12/2021